

RELIGIÃO E VIOLÊNCIA**

Luis Cesar Fleury De Oliveira¹

Resumo

Tendo como base textos de diversos autores, este artigo faz uma análise sucinta sobre a religião e sua relação com a violência que sempre permeou a vida da humanidade.

Palavras chave: Religião, Violência, Fundamentalismo.

RELIGION AND VIOLENCE

Abstract

Based on texts prepared by several authors, this article briefly analyses religion and its relation to the violence which has always permeated the existence of humanity.

Keywords: Religion, Violence, Fundamentalism.

Introdução

A relação do homem com o Sagrado remonta de sua emergência sobre a Terra. No princípio, não compreendendo o funcionamento da natureza, o humano via-lhe como um todo imanente, atribuía-lhe sacralidade: era a deusa Mãe-Terra. Por extensão, a mulher como responsável pela procriação tinha ‘uma certa’ conotação sagrada. À medida que se efetivou a ‘domesticação’ da natureza através da agricultura e da pecuária, além da descoberta de que a mulher não era a responsável única pela procriação, houve a transferência da sacralidade do universo feminino para o masculino, a sacralidade passa da imanência para a transcendência, os deuses deixam de ser terrenos e passam a ser celestes. Neste contexto surgem os mitos de criação dos povos primeiros em que, de uma maneira quase que geral, seus deuses e/ou heróis promovem a transformação do ‘caos’ em ‘cosmos’ através da luta entre as forças do mal e do bem, uma luta em que a violência preponderou. Desde então as religiões se baseiam na violência dos sacrifícios animais, humanos ou simbólicos para

**Recebido em agosto de 2018 – Aprovado em outubro de 2018.

¹ Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Graduado em Arquitetura.

agradar ao Deus, ou conseguir d'Ele o retorno da comunidade à 'nomia', ou seja, o retorno a uma vida de normalidade social. (SILVA, 2009; BINGEMER, 2004).

ORIGEM DA VIOLÊNCIA E RELIGIÃO

Segundo Bingemer (2004), a sobrevivência da espécie humana sobre a Terra deveu-se à sua adaptação aos diversos ambientes naturais, e à sua constante luta com os outros habitantes dela, e com a sua vitória sobre eles. A humanidade de hoje nada mais é do que o fruto da seleção natural que se efetuou desde os primórdios. A sobrevivência da humanidade se deveu a essa violência primeira, da qual ainda 'conservamos o impulso', de se impor a espécies ou grupos 'menos capazes'. A propensão humana para a guerra, o enfrentamento, a exteriorização da violência, remonta, portanto, à Pré-História. Num primeiro momento, os homens precisaram conquistar e colonizar seu espaço utilizando de uma força de que não dispunham biologicamente. Com a caça o homem tinha que enfrentar os animais e subjugar-los. Na relação com outros grupos também havia o enfrentamento, principalmente na disputa por território. Dessa forma se utilizaram da guerra, do domínio através de 'formas violentas' (SILVA, 2009; BINGEMER, 2004). Posteriormente, o homem, ao promover a divisão social do trabalho, passou a produzir de forma especializada. Pela necessidade do produto do outro homem, teve de produzir não só o necessário ao seu sustento, como também, produzir um excedente destinado à troca por produtos que ele próprio não produzia. A capacidade produtiva é um dado inerente ao indivíduo; dessa forma, aqueles indivíduos que não conseguiam ser auto-suficientes, passaram a servir a produtores com maior capacidade de gerenciamento, e essa subserviência gerou, com o passar do tempo, a noção de que com a guerra haveria a possibilidade de subjugar o inimigo e transformá-lo em mão de obra, através da sua escravização. O desenvolvimento do comércio exigiu a competição, e como conseqüência, o enfrentamento. Essa fase coincide com a emergência dos deuses masculinos, o que estabelece a priorização do enfrentamento e, dominar ou ser dominado, passou a ser o 'padrão' do relacionamento com o 'outro' (SILVA, 2009; NOÉ, 2004).

As religiões, de um modo geral, dentro de seus próprios limites, têm, ao longo de sua existência, proporcionado violências psicológicas, morais e até físicas aos seus seguidores e, principalmente, aos 'outros'. Ao se julgarem únicas e verdadeiras, num visível processo de etnocentrismo, as religiões têm propiciado a emergência de violências as mais diversas, patrocinando psicológica e fisicamente a emergência de terrorismos e guerras. Com as religiões institucionalizadas, se avaliza e sacraliza a 'ordem social' em nome de uma paz que, mais das vezes, foi conseguida pela violência social. Esses deuses 'suscitam veneração' e aparentemente ajudam os homens, mas participam da violência que dá 'trunfo' a impérios. São deuses que ao mesmo tempo em que patrocinam a paz, através da ordem social, exigem sacrifícios para a 'sustentação da estrutura sagrada' (BINGEMER, 2004).

As guerras são apoiadas por nacionalismos ideológicos ou religiões nacionais que, para cada grupo, sintetizam o próprio Deus. São guerras culturais que se utilizam de valores sacralizados dos grupos. Religião e violência sempre caminharam juntas, assim como violência e guerra.

Nas grandes religiões da modernidade, islamismo, judaísmo e cristianismo há uma 'cultura' da busca da paz, do amor, do entendimento entre os povos, através do diálogo, do respeito e da fraternidade, o que proporciona a aceitação do outro, independentemente de sua etnia, religião ou cultura. No entanto, na contramão a essa postura social, dentro dessas mesmas religiões, existe uma 'cultura' de segregação e mesmo truculência, agressão e guerra, principalmente através dos movimentos tidos como 'fundamentalistas' (NOÉ, 2004; ORO, 1996).

O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

Em 1895, conforme nos relata Oro (1996), teve lugar em Niágara, uma conferência bíblica organizada pelas principais igrejas protestantes dos EUA, financiada por crentes milionários, onde foi inventado o termo 'fundamentalismo', e foram estabelecidos os pilares de seu programa, e produzidos textos por diversos autores, onde a teologia conservadora era mostrada e sintetizada. Posteriormente, no início do século XX, esses textos foram reunidos numa série de 12 volumes com o título de 'Os fundamentais: um testemunho para a

verdade', e distribuídos nos diversos segmentos sociais norte-americanos, criando dessa forma, um grande envolvimento público em torno das questões religiosas. A partir de 1870, formou-se nos EUA, um movimento conservador, antiliberal, englobando os protestantes das principais instituições, com o intuito de reconduzir a Bíblia ao posto de 'verdade absoluta de Deus' que, por ter sido escrita sob Sua inspiração, está isenta de erros, e da necessidade de ser interpretada. Esse movimento tinha como função combater as ameaças à fé bíblica, representadas, no âmbito interno, pela teologia liberal e a interpretação da Bíblia, seja ela no aspecto histórico ou literário; e no âmbito externo, pela teoria da evolução, pelo modernismo e pelo comunismo, dando nascimento, portanto, ao 'fundamentalismo' como ação. O 'fundamentalismo' nasceu no seio do protestantismo norte-americano, teve um desenvolvimento durante cerca de meio século, atingiu seu ápice entre 1915 e 1926, e não se constituiu em um movimento afeito a uma denominação confessional, e sim, perpassando a diversas denominações, mas composto de militantes que procuravam a sua solidez nos fundamentos da fé, através do retorno da Bíblia como 'autoridade religiosa' (ORO, 1996).

Da mesma forma no catolicismo, a partir da década de 1970, segundo Kepel (1995), desenvolvem-se movimentos de re-cristianização que, ao contrário do otimismo social daquela mesma década, que se esforçava para inserir numa lógica cristã, os valores do progresso elaborados pela ideologia secular, propõem, que para tirar o mundo da deriva, era necessário retornar a uma ética católica única, portadora do futuro. Os movimentos católicos aparecem, portanto, tendo como meta promover uma organização "desde cima", através da pressão ao poder político de inserção, em seu bojo, de valores católicos e combate ao laicismo. Também aparecem dentro desse movimento, grupos carismáticos que, ao buscar recriar uma vivência comunitária cristã iluminada pelo Espírito Santo, propõem o afastamento aos hábitos e à lógica que impera na sociedade.

Também, durante a década de 1970, vários países muçulmanos se tornaram independentes dos seus colonizadores. A euforia dessa independência encobria ou minimizava os conflitos sociais. A gestão da economia, muito pobre, e a explosão demográfica criaram as primeiras sérias dificuldades. As leis de mercado não se adaptaram às realidades muçulmanas que se baseavam em

sistemas feudais, além desses países viverem uma grande corrupção. A melhoria do mundo, do seu mundo, tinha como inspiração a transferência do domínio secular para o religioso. Entre os muçulmanos, há muito tempo, havia correntes de pensamento que, de forma dissimulada, exigiam, para a ordem social, um fundamento religioso. Essa corrente islâmica político-religiosa, não se consolidava em função, tanto da proposta totalitária do regime, como também, de uma mensagem baseada na interpretação intransigente dos textos sagrados, e sua projeção numa sociedade ideal. Para alcançar esse fim os métodos eram diversos, dentre eles a constituição de partidos políticos islâmicos, ou mesmo a utilização do terrorismo, razão pela qual se tornou generalizada a associação do termo 'fundamentalismo', de forma particular, ao islã e à violência (KEPEL, 1995).

Em todas as religiões existem segmentos fundamentalistas. Nas diversas igrejas cristãs, assim como no judaísmo, islamismo, hinduísmo e budismo existem correntes conservadoras que, dentre outras propostas, buscam o renascimento do Estado teocrático. Em função, principalmente, de possuírem atitudes de antagonismo aos modelos de comportamentos sociais e aos estilos de vida modernos, um antagonismo muitas vezes agressivo, as sociedades ocidentais vêem, nos grupos fundamentalistas, uma ameaça permanente. O termo 'fundamentalismo' é considerado como designador de fanatismo, hostilidade às mudanças, intolerância, vinculação ao passado religioso e social, assim como o que é fechado à moderna ciência e às novas posturas sociais, portanto, é utilizado como um termo negativo pela mídia que, além disso, divulga, com grande ênfase, as atuações de grupos radicais, como sintetizadores da atuação fundamentalista (ORO, 1996).

Mesmo sua origem não estando atrelada exclusivamente ao avanço da modernidade, o 'fundamentalismo' é uma reação coletiva anti-moderna que deseja reverter os efeitos da diferenciação e do pluralismo. A sociedade foi transformada drasticamente pela modernidade, sendo que essa transformação ocorreu primeiramente nas sociedades ocidentais, e em seguida nas não ocidentais, afetando não só a economia, mas a própria maneira como a cultura está organizada; abalou sobremaneira as tradições religiosas. Ela reduziu a importância social da religião, ao lançar dúvidas sobre crenças defendidas por

séculos; e em decorrência disso tornou-se, aos olhos dos 'fundamentalistas', uma importante ameaça para a própria religião (LECHNER, 1995).

AUTORIDADE DIVINA E ASSASSINATO

Todas as sociedades humanas tiveram, em sua origem, segundo Girard (1985), a presença do religioso. A violência é uma característica humana, determinada por mecanismos fisiológicos, e estão presentes em todas as culturas, com pequenas variações. Os mitos de origem, ao narrarem o assassinato de um ser mítico por outros seres míticos, estabelecem a violência como constitutiva dos elementos fundadores de toda ordem cultural; todas as formas culturais, que estabelecem as diversas normas do relacionamento humano, assim como os ritos, provêm da divindade morta.

O desejo de violência, quando desperto, provoca mudanças orgânicas que tem por função preparar os indivíduos para a luta. Manter a violência fora da comunidade é uma função do religioso, que a obtém através do mecanismo da vítima expiatória. O rito sacrificial nasce, é fundado, com a extinção do círculo vicioso da violência, através da transmutação da violência da comunidade para a vítima expiatória. Uma violência, quando não satisfeita, procura por uma vítima substitutiva, e acaba por encontrá-la, mesmo que ela não tenha nada para justificar-se como substituta. Desde os primórdios da humanidade até os dias atuais, todos os povos, indistintamente, utilizaram da violência, em maiores ou menores graus, contra indivíduos, etnias ou mesmo nações, transformando-os em vítimas expiatórias, com justificativas de ordem religiosa, defesa de lugares santos, ou simples desígnios divinos.

A partir da segunda metade do século XX, nos lembra Aubrée (2004), tem-se desenvolvido grupos religiosos com formas diferenciadas de violência. Existem grupos constituídos em grandes organizações de fé, possuidoras de grandes estruturas de *marketing*, que praticam violência simbólica, contra seus membros, ou contra seus opositores, em nome da religião, de um desígnio divino. Outros grupos significativos no contexto da violência em nome da fé são os chamados grupos apocalípticos, que vêm, numa leitura literal do Apocalipse,

a chancela para as suas ações violentas. Dentre esses apocalípticos existem os grupos que se organizam de forma 'comunitária', vivem fechados em si, e tem geralmente por base a inspiração neo-evangélica, se constituindo de pessoas de camada social baixa, que se organizam em busca de proteção. Dentre os grupos comunitários de tendência neo-evangélica houve, tempos atrás, o fato do suicídio em massa dos adeptos de duas seitas, nos Estados Unidos e na Guiana. Estes suicídios se caracterizaram como auto-imolação; as mortes ocorreram em função de um desígnio divino, a busca pela vida melhor no pós-morte, a luta do bem com o mal. Outra corrente bastante significativa é constituída pelas 'comunidades esotéricas' que, ao contrário das comunitárias, são constituídas basicamente de pessoas com nível superior; procuram, por sua vez, aperfeiçoamento pessoal e ascensão espiritual. Na linha das comunidades esotéricas também ocorreram suicídios simultâneos no Canadá e na Suíça e posteriormente na França e nos Estados Unidos, todos se auto-impolaram em função de uma transição para um nível superior de felicidade permanente. E o terceiro grupo é constituído por correntes 'político-religiosas' que, grosso modo, buscam sua raiz social e religiosa e combatem o Estado laico e todo tipo de influência cultural estrangeira sobre sua própria cultura. No nível político-religioso os grupos atuam, não só, mas principalmente, na forma terrorista com uso de homens-mulheres bomba, carros-bomba, gases venenosos, e visam acabar com o 'satã' representado pela 'cultura ocidental' ou por 'países' e 'governos'.

O grande diferencial entre os grupos 'comunitários' e 'esotéricos' e os grupos 'político-religiosos', é que nos dois primeiros grupos, em caso de autoflagelação, os líderes participam, com seus liderados, da morte coletiva, enquanto, nos casos dos grupos político-religiosos há uma doutrinação dos adeptos que se auto-impolam em detrimento dos líderes que são, ao contrário, protegidos pela estrutura do grupo (AUBRÉE, 2004).

Nos últimos tempos, a quase totalidade dos acontecimentos de violência com justificativa religiosa, se fundamenta em grupos político-religiosos, principalmente os grupos islâmicos que, através de uma interpretação intransigente e tendenciosa das escrituras, feita por seus líderes, assumem uma guerra santa, uma guerra em defesa de seu mundo religioso. No entanto, pode-

se perceber, por trás de todos esses eventos, uma manipulação, por parte dos líderes, da vontade divina, da sua concessão para a guerra, para a eliminação do 'outro', um grande jogo de interesses políticos, de poder, seja por parte do dirigente da pequena comunidade de fiéis, seja por parte da instituição religiosa, seja por parte de reinos ou nações.

CONCLUSÃO

A caminhada da humanidade da pré-história à pós-modernidade, de um sagrado telúrico a um sagrado urânico, do sagrado imanente ao transcendente, de uma humanidade em comunicação restrita à família, ao pequeno grupo, a uma comunicação imediata com qualquer pessoa, em qualquer parte da terra, portanto, uma evolução, uma mudança total de paradigma, não foi acompanhada pelo campo religioso.

Em 'Teologia do Pluralismo Religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo'(2006, p.298), José Maria Vigil afirma

“Invasões, conquistas, cruzadas, colonizações e neocolonizações, imperialismos, foram realizados na história não por povos descrentes, sem religião (caso tenha existido algum povo assim), mas sim por povos cujas instituições religiosas lhes proporcionaram as “armas” mais poderosas: legitimidade, mística, mandato divino, convicção da transcendência de sua missão, promessa de glória eterna após a morte, obrigação em consciência, ameaça de culpabilização, excomunhão e condenação... Que fenômeno social, fora a religião, tem controlado as armas mais poderosas, as que realmente movem a humanidade?”

Este parágrafo sintetiza, de forma magistral, as relações do sagrado com a violência, ou melhor, das instituições religiosas com a violência. Cabe a nós, a humanidade como um todo, fazer com que essas atitudes de intolerância e violência sejam colocadas em um passado, façam parte definitivamente de um passado, e que as religiões decidam, como escreve Bingemer (2004, p. 113), “tornar-se princípio de pacificação universal ou contribuir com sua violência à violenta destruição do grande sistema humano e, conseqüentemente, ao fim de nosso mundo”.

REFERÊNCIAS

AUBRÉE, Marion. Religião e violência numa perspectiva transcultural e transnacional. In: PEREIRA, Mabel Salgado; SANTOS, Lyndon de A. *Religião e violência em tempos de globalização*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Crer depois do 11 de setembro de 2001. In: PEREIRA, Mabel Salgado; SANTOS, Lyndon de A. *Religião e violência em tempos de globalização*. São Paulo: Paulinas, 2004.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

KEPEL, Gilles. *La revanche de Dios*. Salamanca: Anaya & Mario Muchnik, 1995.

NOÉ, Sidney Vilmar. Religião e violência: da repressão da agressividade à sua sublimação. In: PEREIRA, Mabel Salgado; SANTOS, Lyndon de A. *Religião e violência em tempos de globalização*. São Paulo: Paulinas, 2004.

ORO, Ivo Pedro, *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

SILVA, José Carlos Avelino da. *O sagrado e a individualidade: o nascimento do ser humano e a emergência da individualidade*. Goiânia: Ed. da UCG, 2009.

TIJSSEN, Lieteke van Vucht; BERTING, Jan e LECHNER, Frank. (eds.) *The search for fundamentals: the process of modernisation and the quest for meaning*. The Hague: Kluwer Academic Publishers, 1995.

VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo*. Trad. Maria Paula Rodrigues. São Paulo: Paulus, 2006.